

SINAIS DOS TEMPOS

LIBERTAÇÃO DA DEPENDÊNCIA

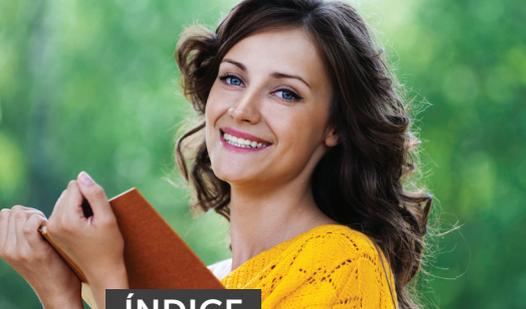
CASAMENTO E FAMÍLIA

NÃO HÁ OVELHAS EM BABILÔNIA!

A ÚLTIMA GUERRA

Publicação Trimestral
37º Ano › Nº 142 3º TRIM. 2017 › 2,00€
ISSN 0873-9013





ÍNDICE

TEMÁTICA

A última guerra: o Armagedon e a crise do Médio Oriente.....04

A batalha do Armagedon pode estar iminente, mas não segundo a maneira que antecipa a maioria dos Cristãos. Não será travada nas planícies desérticas do Médio Oriente. Primeiro e antes de mais, ela será travada no coração e na mente das pessoas de todo o mundo.

O que diz o Apocalipse sobre o Armagedon08

Muitas pessoas acreditam que o Armagedon será travado entre dois grupos de nações do nosso Planeta. Mas será que esta interpretação é correta?

ESTILO DE VIDA

Libertação da dependência11

As pessoas podem ficar dependentes de muitos tipos de coisas diferentes: jogos, comida, pornografia, sexo e drogas, para citar apenas alguns exemplos. Algumas pessoas, hoje, até se tornam dependentes de computadores e da Internet.

A BÍBLIA ENSINA

As sete últimas pragas e o Armagedon..... 14

LINHA ABERTA

Uma questão de tempo 15

FAMÍLIA

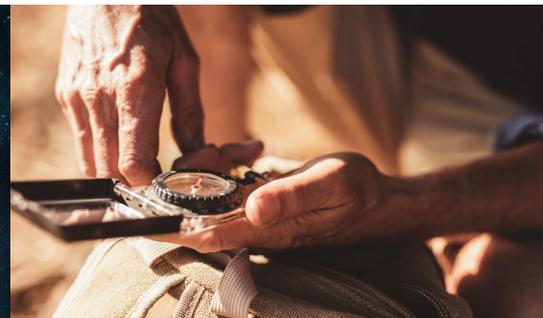
Casamento e família..... 17

Os Dez Mandamentos podem ajudar um casal recém-casado a viver “feliz para todo o sempre”.

PROFECIA

Não há ovelhas em Babilónia!20

Os profetas de Deus sabiam sobre o que estavam a escrever e predisseram um futuro de vastos contrastes, confiantes na Palavra segura de Deus, sabendo que tudo o que Ele tinha dito se realizaria.



SINAIS DOS TEMPOS

Revista Internacional
Edição Trimestral
em Língua Portuguesa

Ano XXXVII – Nº 142
3º Trimestre 2017

DIREÇÃO
Artur Machado

DIREÇÃO DE REDAÇÃO
Lara Figueiredo

REDATOR
Paulo Lima

DIAGRAMAÇÃO
Rita Mendes

Fotografia © Adobestock

PROPRIETÁRIA E EDITORA
PUBLICADORA SERVIR, S.A.
Rua da Serra, 1 – Sabugo
2715-398 Almargem do Bispo
Portugal

DIREÇÃO
Artur Guimarães

ANGOLA
Caixa Postal 3 – Huambo

S. TOMÉ E PRÍNCIPE
Caixa Postal 268 – S. Tomé

MOÇAMBIQUE
Av. Maguiguana, 300 – Maputo

Edição em Língua Espanhola
Editorial Safeliz

Edição em Língua Francesa
Éditions Vie et Santé

Edição em Língua Italiana
Edizione ADV

Preços
Número Avulso € 2,00
Assinatura Anual € 8,00

Impressão e Acabamento
Mário Macedo
– Design e Impressão
V. N. Famalicão

Isento de Inscrição no ICS – DR 8/99

ISSN 0873-9013
Depósito Legal Nº 63193/93
Tiragem 12 000 exemplares



ACERCA DO ARMAGEDON

por ARTUR MACHADO

Normalmente as palavras “Apocalipse” e “Armagedon” estão associadas a acontecimentos catastróficos de caráter destruidor. O próprio significado da palavra “Armagedon”, dado por alguns dicionários, aponta nesse sentido. Estes interpretam esta palavra como fazendo alusão a uma batalha ou guerra decisiva entre as forças do Bem e do Mal. Tanto na Literatura, como no Cinema, este significado de catástrofe e destruição associado à palavra “Armagedon” mantém-se inalterado.

Já em 1963, Leon Uris tinha publicado um livro com este título, para descrever os últimos dias da cidade de Berlim, antes do seu colapso na Segunda Guerra Mundial. Mais recentemente, Larry Collins, no ano 2007, publicou um livro de ficção com o título *The Road to Armageddon* (A Estrada para o Armagedon), onde retrata a ameaça letal que o Irão, na posse de seis armas nucleares, representaria para a Humanidade, e onde descreve os esforços feitos pelos serviços secretos norte-americanos para neutralizarem essa ameaça. Também com o título *Armageddon* estreou-se, em 1998, um filme, tendo os atores Bruce Willis e Ben Affleck como protagonistas.

O enredo contava a história de um asteroide em rota de colisão com a Terra que ameaçava destruir toda a vida no nosso Planeta.

No universo da Literatura que trata de assuntos bíblicos, também há vários autores que têm associado esta palavra a um conflito bélico mundial, envolvendo inicialmente o Estado de Israel e as nações árabes e alastrando às grandes potências mundiais. Este conflito antecederia a Segunda Vinda de Jesus Cristo. Portanto, quer tenhamos ou não alguma cultura bíblica, fomos habituados no nosso imaginário a esta associação entre a ideia de destruição catastrófica e a palavra “Armagedon”.

Como veremos em dois dos artigos que vos propomos nesta revista, muitos dos elementos do nosso imaginário que estão associados a esta palavra não têm correspondência no significado bíblico que sobressai do texto e do contexto em que ela aparece. Há, porém, outros significados que permanecem, como, por exemplo, a noção de conflito. Na verdade, o Armagedon fala de um conflito, embora não se trate de um conflito bélico convencional que conduza a uma terceira guerra mundial. É um conflito global, é certo,

mas onde, em lugar de se oporem armas de destruição maciça, opor-se-ão duas ideologias antagónicas. As questões que estarão em jogo não serão de cariz político ou militar, mas de cariz espiritual. Não se lutará por interesses territoriais, económicos ou militares, mas sim pela definição da verdadeira adoração. A batalha não oporá grandes potências entre si, mas sim as nações do mundo contra os representantes de Deus. Por isso, o Armagedon não é um local, mas um momento na história da Humanidade, um dos mais importantes momentos da História, onde se decidirá o destino final e eterno de cada ser humano, antes da Segunda Vinda de Cristo à Terra. O que é importante salientar é que Deus sempre revelou detalhes proféticos com um objetivo específico. Esse objetivo não é o de nos alarmar e amedrontar em virtude de qualquer catástrofe iminente vinda de dentro ou de fora do nosso Planeta. O objetivo de Deus é o de nos ajudar a compreender todas as questões associadas ao conflito entre o Bem e o Mal, para que, no momento certo, possamos tomar a decisão por Deus. **ST**

Artur Machado, Diretor

A ÚLTIMA GUERRA: O ARMAGEDON E A CRISE DO MÉDIO ORIENTE

por ALAN REINACH

Imagine o seguinte: o Irão lança vários mísseis com gás *Sarin* contra algumas cidades israelitas, matando centenas de milhares de Judeus. Israel retalia com o lançamento de vários mísseis nucleares, aniquilando Teerão e outras cidades iranianas. O mundo árabe mobiliza os exércitos de uma dúzia de nações para responder à provocação. Os Estados Unidos da América e a União Europeia começam também a preparar-se para a guerra. Nas primeiras páginas dos jornais de todo o mundo ecoa a notícia: começou o Armagedon. Mas, quando os cabeçalhos dos jornais proclamam o deflagrar da batalha do Armagedon, podemos estar certos de que se trata da verdade? De que se trata da batalha proclamada na Bíblia?

NÃO EXISTE TAL LUGAR

A imagem aterradora de uma guerra de proporções apocalípticas é retirada do Apocalipse: “E congregaram [os reis] no lugar que, em hebreu, se chama Armagedon” (Apocalipse 16:16). A imaginação popular interpreta este versículo como estando a referir-se a um determinado lugar em Israel onde ocorrerá a guerra final da Terra. No entanto, “Armagedon” é apenas um nome simbólico. Não o encontrará em qualquer mapa ou em qualquer atlas mundial.

O livro de Apocalipse está cheio de símbolos, a maioria dos quais retirada

do Antigo Testamento. O “Armagedon” é apenas mais um destes símbolos. O termo significa “Montanha de Meguido”. Ora, em nenhuma parte do mundo há um Monte de Meguido. No entanto, há um planalto no Norte de Israel que é designado como o Vale de Meguido. O Monte Carmelo ergue-se acima desse planalto. E o Monte Carmelo é o lugar onde Elias enfrentou os 400 profetas de Baal. Esta é, provavelmente, a imagem que João tinha em mente quando chamou “Armagedon” à última batalha da Terra.

Quando o Apocalipse vai buscar símbolos ao Antigo Testamento, ele incorpora as lições espirituais associadas com as histórias e os símbolos a que recorre. Assim se passa também no caso do símbolo “Armagedon”. O nome aponta para o Monte Carmelo, recordando os acontecimentos daquele fatídico ponto de viragem na história de Israel.

Acab, rei de Israel, e Jezebel, a sua rainha, tinham levado os Israelitas a adorarem Baal, um dos deuses cananeus. Assim, Elias propôs que se realizasse uma prova para se revelar qual era o verdadeiro Deus. “Até quando coxeareis entre dois pensamentos?”, perguntou ele, “Se o Senhor é Deus, segui-o; e, se Baal, segui-o” (I Reis 18:21). A prova deveria ser decidida

pelo fogo – o verdadeiro Deus deveria revelar a Sua divindade enviando fogo do Céu para consumir o sacrifício oferecido pelos Seus adoradores.

Assim, os profetas de Baal construíram o seu altar e invocaram o seu deus durante toda a manhã – dançando, cantando, gritando e mutilando-se com facas para revelarem todo o seu ardor. Eles sangraram junto do altar, mas o seu deus não respondeu.

Elias zombou deles. “Talvez o vosso deus esteja a dormir, ou a viajar ou absorto em pensamentos.” Os sacerdotes de Baal continuaram o seu frenesim durante todo o dia, até à hora do sacrifício da tarde, quando finalmente ficaram exaustos.

Elias calmamente preparou um simples altar de pedra e colocou sobre ele madeira e um bezerro. Depois fez com que o altar e o sacrifício fossem encharcados em água. Ajoelhou-se e fez uma breve oração. Deus ouviu a sua oração e enviou fogo que consumiu não apenas a madeira e o sacrifício, mas também a água e até mesmo o altar de pedra.

Assim, uma grande vitória foi ganha naquele dia: a nação israelita voltou-se de novo para a adoração do Criador.

COMO A PROVA NO CARMELO

Tal como houve um conflito entre a verdadeira e a falsa adoração no tempo de Elias, também haverá um conflito



semelhante nos últimos dias. Apocalipse 13 apresenta-nos duas bestas, que representam poderes institucionais humanos que existem na Terra. A segunda besta, representando um poder político, tentará forçar todos os seres humanos no mundo a adorarem a primeira besta – obviamente, um poder religioso. As bestas ameaçarão de morte quem quer que se recuse a prestar essa adoração.

Embora tenha sido Deus que fez descer fogo do Céu para consumir o sacrifício de Elias no Monte Carmelo, nos últimos dias será a besta maligna de Apocalipse 13 que “até fogo faz descer do céu à terra, à vista dos homens” (Apocalipse 13:13). Esta é uma tentativa para tomar o lugar de Deus.

O Apocalipse indica que as questões que animarão a guerra final da Terra serão globais, não locais. E essas questões – e as respetivas partes combatentes – serão espirituais, não apenas políticas.

A batalha do Armagedon oporá as nações do mundo contra os exércitos do Céu. Os “espíritos de demónios, que fazem prodígios... vão ao encontro dos reis de todo o mundo, para os congregar para a batalha, naquele grande dia do Deus Todo-Poderoso” (Apocalipse 16:14).

Apocalipse descreve a mesma batalha, retratando Cristo como o Comandante Supremo das forças do Céu, montado num cavalo branco. João diz-nos que Cristo “chama-se Fiel e Verdadeiro; e julga e peleja com justiça” (Apocalipse 19:11). E “seguíam-no os exércitos do céu, em cavalos brancos” (Apocalipse 19:14). Depois, o versículo 19 diz: “E vi a besta, e os reis da terra, e os seus exércitos reunidos, para fazerem guerra àquele que estava assentado sobre o cavalo, e ao seu exército.”

Que armas irão a besta e os governantes da Terra empregar no seu combate contra Cristo e contra os exércitos do Céu? Será que os seus telescópios irão detetar a Segunda Vinda de Cristo e alertarão as nações para que planeiem uma estratégia militar? Será que estas

nações irão utilizar as suas armas de destruição maciça contra Cristo quando Ele voltar? A Bíblia não responde a estas perguntas, mas é interessante especular.

Seja como for, sabemos que a batalha terá um significado espiritual. Tal como aconteceu nos dias de Elias, a adoração voltará a ser a questão controversa. Antecipando o juízo final, o povo de Deus terá avisado o mundo para que adore apenas o Criador: “Temei a Deus e dai-lhe glória, porque é vinda a hora do seu juízo” (Apocalipse 14:7) é a mensagem que os seguidores de Deus terão proclamado por toda a parte. Em contraste com esta mensagem, os poderes do anticristo exigirão que todos os seres humanos adorem a besta e a sua imagem e recebam a infame marca da besta (veja Apocalipse 13:13-17).

O Armagedon será o momento culminante desta batalha que opõe a verdadeira e a falsa adoração, ocorrendo quando Cristo voltar.

UMA TENTATIVA PARA ENGANAR

Apocalipse 13:14 diz que a segunda besta recorrerá a milagres falsos para enganar os habitantes do mundo. É muito provável que um destes enganos seja uma falsa batalha do Armagedon – afinal, os espíritos de demónios irão reunir todo o mundo para esta batalha (veja Apocalipse 16:12-14), e os demónios não são famosos pela sua veracidade.

O relato bíblico sobre o Armagedon tem dois importantes detalhes que podem evitar que sejamos enganados. Segundo a cultura cristã popular, o Armagedon decorre do facto de as nações do mundo se dividirem em duas fações opostas, colocando-se em ordem de batalha numa planície de Israel.

No Apocalipse, por outro lado, as nações do mundo reúnem-se para guerrear contra Cristo, não umas contra as outras. Além do mais, todas as nações participam nesta guerra. Assim, não importa quão terrível possa ser uma guerra centrada no Médio Oriente, se as nações da Terra estão a

lutar entre si, essa guerra não é o Armagedon bíblico.

Em segundo lugar, o Armagedon, a sexta de sete pragas, será imediatamente seguido pela sétima praga, quando toda a Criação será perturbada. Apocalipse 16:20 diz que “toda a ilha fugiu; e os montes não se acharam”. Assim sendo, se o mundo prosseguir no seu curso normal após uma guerra que é designada como sendo o Armagedon, pode ter a certeza de que não se tratou do verdadeiro conflito final.

Cristo não mostrou a João a batalha do Armagedon para nos aterrorizar. Ele mostrou-a porque quer que compreendamos como será concluído o conflito dos séculos entre Cristo e Satanás. E Ele mostrou-a para que estejamos espiritualmente preparados para esse Grande Conflito. A mensagem de Elias para Israel é relevante para nós hoje: Devemos escolher quem vamos servir. Se o Senhor é Deus, servi-O; se Baal (a besta e a sua imagem) é deus, servi-o. O Armagedon será uma batalha “espiritual”, mas isso não significa que será menos real. Vidas serão salvas ou perdidas para toda a eternidade, dependendo da escolha que for feita.

Toda a gente no mundo terá de escolher entre adorar a besta e adorar Deus. Porque Deus é amor, Ele não força ninguém a salvar-se, mas dá-nos a possibilidade de escolhermos. “Onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade” (II Coríntios 3:17). Em contraste com isto, a besta mata aqueles que não adorarem do modo que ela impõe (veja Apocalipse 13:15). A adoração forçada é uma falsa adoração. O decreto de morte que a besta usará no tempo do fim é o culminar da antiga guerra de Satanás contra Cristo e contra o Seu povo.

Nos dias de Elias, a verdadeira adoração triunfou sobre a idolatria no Monte Carmelo. Do mesmo modo, a batalha do Armagedon marca o triunfo da verdadeira adoração no tempo do fim. Antes da batalha, a adoração idólatra da besta será quase universal. Grandes



Será que os seus telescópios irão detetar a Segunda Vinda de Cristo e alertarão as nações para que planeiem uma estratégia militar? Será que estas nações irão utilizar as suas armas de destruição maciça contra Cristo quando Ele voltar?

milagres convencerão todo o mundo de que Deus respalda a adoração da besta. Mas um punhado de fiéis manter-se-á firme na verdadeira adoração do Criador. E precisamente quando parecer que as forças do mal e das trevas irão finalmente destruir o povo de Deus numa “Solução Final”, Cristo virá para resgatar o Seu povo. Assim, longe de ser um acontecimento aterrador para os filhos de Deus, a batalha do Armagedon significa a sua libertação.

A batalha do Armagedon pode estar, de facto, iminente, mas não se-

gundo a maneira que antecipa a maioria dos Cristãos. Não será travada nas planícies desérticas do Médio Oriente. Primeiro e antes de mais, ela será travada no coração e na mente das pessoas de todo o mundo. Como seu clímax, Cristo virá para resgatar o Seu povo fiel e para destruir os Seus inimigos, livrando para sempre o Universo da praga do pecado e de todo o sofrimento que este trouxe (veja Apocalipse 19:20).

Aqueles que estiverem do lado do Vencedor desta batalha irão cantar em triunfo o cântico de Moisés e do Cor-

deiro: “Grandes e maravilhosas são as tuas obras, Senhor Deus Todo-Poderoso! Justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei dos santos. Quem te não temerá, ó Senhor, e não magnificará o teu nome? Porque só tu és santo; por isso, todas as nações virão, e se prostrarão diante de ti, porque os teus juízos são manifestos” (Apocalipse 15:3 e 4). **ST**

Alan Reinach

Retirado da *Signs of the Times*
de fevereiro de 2017.

O QUE DIZ O APOCALIPSE SOBRE O ARMAGEDON

por MARVIN MOORE

Mal tinha acabado a operação militar *Tempestade no Deserto* – a guerra da América contra Saddam Hussein no início da década de 1990 – quando recebi um folheto publicitário promovendo um livro que predizia que este era o princípio do fim. Estava prestes a travar-se a batalha do Armagedon. No livro, o autor descrevia uma imagem vívida da Rússia a dirigir-se para a Palestina, para apoiar os Árabes, e dos Estados Unidos da América a dirigirem-se na mesma direção, para apoiar Israel. A última batalha da Terra estava mesmo ao virar da esquina! E o autor assegurava aos seus leitores que ela seria travada no Vale de Meguido, em Israel.

A palavra helenizada *Armageddon* procede de duas palavras hebraicas: *Har*, que significa “montanha” e *Mageddon*, que significa “Meguido”. Não há uma Montanha de Meguido no Médio Oriente ou em qualquer outra parte do mundo. No entanto, o Vale

de Meguido, em Israel, está localizado perto do Monte Carmelo, onde Elias confrontou os sacerdotes de Baal há cerca de 3000 anos.

Muitas pessoas acreditam que o Armagedon será travado entre dois grupos de nações do nosso Planeta. Esta é a perspetiva sustentada pelo autor do livro que mencionei mais atrás. Mas será que esta perspetiva é correta?

ONDE TUDO COMEÇOU

Há milhares de anos, um poderoso anjo chamado Lúcifer – agora chamado Satanás – revoltou-se contra Deus e conseguiu atrair para si muitos dos anjos do Céu. Satanás e os seus anjos foram expulsos do Céu e lançados na Terra (Apocalipse 12:9), continuando desde então a sua luta contra Deus no nosso Planeta.

O Armagedon será simplesmente a batalha final nesse conflito milenar. Por agora, esta guerra não parece ser real. Podemos conversar sobre ela do

mesmo modo emocionalmente distante como conversamos sobre a conquista da Grécia por Roma, há 2000 anos. Mas o conflito entre a Grécia e Roma é história passada; ninguém voltará a sentir o horror gerado por essa guerra. Por outro lado, o Armagedon é um evento futuro, e em breve será muito real!

Eis uma das declarações mais importantes do Apocalipse que nos ajuda a perceber o que é realmente o Armagedon: “E o dragão irou-se contra a mulher, e foi fazer guerra ao resto da sua semente” (Apocalipse 12:17).

O dragão é o símbolo de Satanás (Apocalipse 12:9). A mulher e a sua semente representam “os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus Cristo” (Apocalipse 12:17). Portanto, esta guerra é entre Satanás e o povo de Deus. É claro que Satanás não ataca pessoalmente o povo de Deus nesta guerra. Ele ataca-os através dos seus representantes na Terra, especialmente através dos poderes políticos e religiosos que

se opõem a Deus e à Sua verdade. E João apresenta-nos um destes poderes no capítulo seguinte de Apocalipse.

João descreve-o como uma poderosa criatura que sai do Oceano: “E vi subir do mar uma besta, que tinha sete cabeças e dez chifres, e sobre os seus chifres dez diademas, e sobre as suas cabeças um nome de blasfémia” (Apocalipse 13:1). João prossegue dizendo que os povos de todo o mundo seguirão esta besta. Eles perguntarão: “Quem é semelhante à besta? Quem poderá batalhar contra ela?” (Apocalipse 13:4.)

Apocalipse diz-nos sobre esta besta que “foi-lhe permitido fazer guerra aos santos” (Apocalipse 13:7). A razão que leva a besta a fazer guerra ao povo de Deus é o facto de este lhe resistir. No entanto, o povo de Deus pagará um elevado preço pela sua resistência. O Apocalipse prossegue dizendo que a besta vencerá os santos. O povo de Deus parece estar condenado à destruição.

No entanto, antes de chegarmos a essa conclusão, vamos descobrir o que

mais tem o Apocalipse a dizer acerca desta guerra.

EM GUERRA COM A BESTA ESCARLATE

A referência seguinte a esta guerra surge em Apocalipse 17. Este capítulo descreve eventos mundiais que ocorrem imediatamente antes da Segunda Vinda de Cristo. Ele abre com a descrição de uma prostituta montada sobre uma besta escarlata, que, como a besta do capítulo 13, tem sete cabeças e dez chifres. E ela também ataca o povo de Deus, como veremos.

O Apocalipse diz-nos que os dez chifres desta besta representam dez reis “que receberão poder como reis por uma hora, juntamente com a besta” (Apocalipse 17:12). “Reis” significa aqui “Chefes de Estado”, o que, nos nossos dias, pode incluir Presidentes e Primeiros-Ministros. Estes reis representam as nações que por eles são governadas. Dado que há muito mais do que dez nações no mundo hoje, deve provavelmente entender-se que estes

**Respostas bíblicas
para questões
sobre Deus e a Sua
mensagem para
o ser humano.**



dez reis representam todas as nações do mundo no período deste conflito final. E Apocalipse diz que eles “entregarão o seu poder e autoridade à besta” (Apocalipse 17:13).

Agora repare nisto: O Apocalipse diz-nos que todos estes reis – as nações do mundo – “combaterão contra o Cordeiro” (Apocalipse 17:14). O “Cordeiro” é um símbolo de Jesus Cristo. Pelo que a besta e as nações do mundo juntar-se-ão ao lado do diabo, estando Jesus do outro lado. No entanto, dado que a Segunda Vinda de Cristo neste ponto da História está ainda no futuro, o ataque deles não atingirá pessoalmente Cristo. Eles vão atacá-l’O na pessoa dos Seus santos.

Então, quer isto dizer que o povo de Deus está condenado à destruição? De modo nenhum! O versículo 14 diz que o “Cordeiro os vencerá, porque é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis”.

valos brancos, e vestidos de linho fino, branco e puro” (Apocalipse 19:14). A frase “exércitos no céu” provavelmente refere-se aos anjos (Apocalipse 12:7-9). Por outro lado, João diz: “E vi a besta, e os reis da Terra, e os seus exércitos reunidos, para fazerem guerra àquele que estava assentado sobre o cavalo, e ao seu exército” (Apocalipse 19:19).

Esta é a batalha do Armagedon e é também uma descrição simbólica da Segunda Vinda de Cristo. O que é extraordinário nesta descrição do Apocalipse é o facto de que, quando Cristo regressar ao nosso mundo, os líderes mundiais e os seus exércitos tentarão derrotá-l’O. No mundo de hoje, o mais provável é que eles tentem fazer isso apontando os seus mísseis nucleares contra Ele, numa tentativa de impedir a Sua entrada no nosso Planeta.

Mas Cristo não será derrotado! O Apocalipse diz que “a besta foi presa, e

e Satanás e as forças do mal, por outro. Ao longo de grande parte da história da Humanidade, Satanás e os seus seguidores têm estado aparentemente em vantagem. É por isso que Apocalipse 13:7 diz que a besta venceu os santos. No entanto, a maré vai mudar na batalha final desta guerra que já dura há milénios – essa batalha final é o que o Apocalipse designa como a batalha do Armagedon. Será neste momento que o próprio Jesus entrará no conflito e as forças malignas da Terra serão destruídas.

QUE DIFERENÇA FAZ ISTO?

É fácil pensar que a batalha do Armagedon pouco tem a ver connosco. No entanto, como já vimos, o Armagedon é simplesmente a batalha final numa guerra que tem estado a decorrer desde que o nosso Planeta se revoltou contra Deus. E não é apenas uma guerra pelo controlo do nosso Planeta. É também uma guerra pelo controlo da nossa mente! Satanás e Jesus estão a tentar ganhar-nos para o seu lado. Durante milhares de anos, Satanás tem tentado desesperadamente compelir as pessoas para que se coloquem do seu lado. Ele usa os poderes políticos da Terra, de um modo especial, para tentar forçar-nos a nos submettermos a ele. Jesus nunca fará isso. Aqueles que se colocam do Seu lado fazem-no de livre vontade, sem qualquer compulsão da Sua parte.

A questão central do conflito é: de que lado me colocarei? Será tarde de mais, se tomarmos uma decisão apenas quando o Armagedon ocorrer. Aqueles que estarão do lado vencedor da batalha final pela Terra serão aqueles que estão a escolher juntar-se, agora mesmo, ao lado vencedor. É uma escolha que Jesus o convida a fazer, hoje.

De que lado escolherá estar durante a batalha do Armagedon? **ST**

Marvin Moore, Teólogo

Retirado da *Signs of the Times*
de março de 2010.



COMO TERMINA A GUERRA

A vitória de Cristo sobre os poderes políticos e religiosos da Terra é descrita em Apocalipse 19 e aqui Jesus junta-Se pessoalmente à batalha. O versículo 11 diz: “E vi o céu aberto, e eis um cavalo branco; e o que estava assentado sobre ele chama-se Fiel e Verdadeiro; e julga e peleja com justiça.” O cavaleiro é Jesus.

O Apocalipse prossegue dizendo que “seguiam-no os exércitos no céu, em ca-

com ela o falso profeta... estes dois foram lançados vivos no ardente lago de fogo e de enxofre” (Apocalipse 19:20). Vimos em Apocalipse 13:4 que se colocara a pergunta: “Quem poderá batalhar contra ela [a besta]?” O capítulo 19 responde a essa pergunta: Jesus, o Cavaleiro montado sobre o cavalo branco, pode batalhar contra a besta – e derrotá-la!

O Armagedon é uma batalha entre Cristo e o Seu povo, por um lado,



por DOUG BATCHELOR

LIBERTAÇÃO DA DEPENDÊNCIA

Antes de ter ocorrido a Guerra Civil Norte-Americana, um Cristão Quaker que passava perto de um mercado onde se vendiam escravos viu um dos seus vizinhos licitar para comprar uma rapariga escrava muito bonita. Ele sabia que aquele homem era cruel e violento e sabia também o tipo de vida terrível que a rapariga viveria, caso o dito homem se tornasse no seu senhor. Movido pela compaixão, o Quaker entrou na área

do mercado de escravos e começou a licitar para adquirir a jovem escrava. O preço de licitação foi subindo cada vez mais, até que o Quaker acabou por oferecer mais do que o violento senhor de escravos. Quando ele completou a transação com os vendedores, dirigiu-se à jovem escrava e deu-lhe o contrato de venda, dizendo-lhe: “Estás livre!” Ele tinha restaurado a liberdade dela.

Jesus também Se envolveu na aquisição de liberdade para os cativos. De-

pois do Seu batismo, Ele regressou à Sua aldeia natal, e, no sábado, foi à sinagoga local. Tendo sido convidado para falar, abriu o rolo de Isaías, e leu: “O Espírito do Senhor é sobre mim, pois me ungiu para... apregoar liberdade aos cativos” (Lucas 4:18 e 19).

Jesus não tinha em mente libertar literalmente pessoas que estivessem na prisão. Ele disse que “todo aquele que comete pecado é servo do pecado” (João 8:34). E Salomão disse que

Deus esvaziou completamente a conta bancária do Céu quando enviou o Seu filho para morrer por nós, de modo que pudéssemos ser libertados dos nossos pecados e das nossas dependências. Valeu o preço? Ele pensou que sim, pois ama-nos muito!



“quanto ao ímpio, as suas iniquidades o prenderão”. Todos nós somos prisioneiros do pecado.

PRISIONEIRO DO PECADO

O que significa ser-se prisioneiro do pecado? “Dependência” é uma palavra mais moderna que significa essencialmente a mesma coisa. Provavelmente já conheceu um alcoólatra que prometeu a si mesmo, à sua família e até a Deus que não voltaria a beber; mas, um dia, ou uma semana depois, ele tornou a beber. Isto é escravidão.

As pessoas podem ficar dependentes de muitos tipos de coisas diferentes: jogos, comida, pornografia, sexo e drogas, para citar apenas alguns exemplos. Algumas pessoas, hoje, até se tornam dependentes de computadores e da Internet.

Mas Jesus é o Grande Libertador do pecado e da dependência. Paulo escreveu: “Porque o pecado (e a dependência) não terá domínio sobre vós, pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça” (Romanos 6:14).

Algumas pessoas pensam que Paulo queria dizer que não temos de *guardar* a Lei. É verdade que Jesus nos liber-

ta da maldição da Lei. Quando somos salvos, já não estamos sujeitos à penalidade da Lei. Mas sermos Cristãos libertos não significa que somos livres para desobedecer a Deus. Isso seria como se um prisioneiro fosse solto da prisão de modo que pudesse voltar para a sua vida de crime! Jesus veio para nos salvar dos nossos pecados, não nos nossos pecados. Paulo escreveu: “Porque vós, irmãos, fostes chamados à liberdade. Não useis, então, da liberdade para dar ocasião à carne” (Gálatas 5:13).

Na verdade, a Lei de Deus dá-nos liberdade. Tiago chamou à Lei de Deus “a lei perfeita da liberdade” (Tiago 1:25). E David escreveu: “Assim observarei de contínuo a tua lei... e andarei em liberdade” (Salmo 119:44 e 45).

A ideia de que a Lei de Deus nos traz liberdade parece estranha para algumas pessoas. Elas pensam que a Lei nos escraviza. E, de facto, ela escraviza aqueles que a violam. Mas a lei que envia o ladrão para a cadeia é a mesma lei que protege a minha propriedade. A lei que coloca o homicida atrás das grades é a mesma lei que faz com que seja seguro para mim caminhar na rua de dia ou de noite.

PODER PARA OBEDECER

Por outras palavras, a lei liberta aqueles que lhe obedecem. É claro que o problema reside no facto de que nós não temos a capacidade de obedecer à Lei de Deus. É por isso que somos escravos dos nossos pecados. Pergunte a qualquer pessoa com uma dependência. Ela não consegue dizer “não!” ao objeto da sua dependência. Ela está encurralada. Ela é como um homem que caiu num buraco e partiu um braço e as duas pernas. Ela está presa naquele buraco até que alguém desça ao buraco e a ajude a sair.

Felizmente, Deus deu-nos um modo de escaparmos do buraco do pecado em que nos afundámos. Deus dá-nos o poder para obedecermos à Sua Lei. Os Cristãos chamam a este poder “a conversão” ou “o novo nascimento”. Jesus disse que “aquele que não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus” (João 3:5). O Espírito Santo quebra o poder do pecado sobre a nossa vida e dá-nos o poder para obedecermos à Lei de Deus.

A pergunta-chave é esta: Como podemos nós obter o poder de Deus no momento em que a tentação nos atinge, quando tudo o que queremos é fa-

zer aquilo que sabemos ser errado? A resposta é simples: peça esse poder. Ao estarmos envolvidos pelo nosso grande desejo de fazermos aquilo que sabemos não ser correto, podemos dizer uma oração simples, como esta: “Deus, eu sou impotente perante esta tentação. Por favor, entra na minha vida e dá-me o poder de dizer ‘Não!’”

O QUE ESPERAR

Deus não o forçará para que deixe de fazer o que é errado quando pronunciar esta oração. Em vez disso, Ele dar-lhe-á a força mental e emocional para que se recuse a agir, seguindo essa tentação. Não há dependência que seja forte de mais para ser vencida pelo poder de Deus. Significa isto que nunca mais voltará a sucumbir à tentação? Isso pode acontecer, como aqueles fumadores que deitam fora os seus cigarros e nunca mais voltam a fumar. Mas a maior parte dos fumadores debate-se durante várias semanas ou vários meses, por vezes até durante vários anos, antes de, finalmente, ganharem a vitória sobre o tabaco. O Leitor também poderá ter que se debater contra a tentação; por vezes, alcançando a vitória; por vezes, sendo derrotado. Mas não desista. Continue a pedir para que o poder de Deus entre na sua vida. Ao fazer isto, aumentará a sua capacidade para vencer a tentação e, por fim, chegará a um ponto em que ela pouco o perturbará.

O PREÇO QUE DEUS PAGOU

É importante compreender que a vitória sobre a dependência não é barata. Deus pagou um pesado preço para nos libertar da escravidão do pecado.

Conta-se uma história sobre alguns criminosos que raptaram o filho de um milionário na América do Sul. Para provarem ao pai como estavam determinados, os raptadores cortaram uma das orelhas do filho e enviaram-na para ele. O pai vendeu todos os bens que tinha para poder pagar aos raptadores e ter o seu filho de volta. Será que valeu



a pena o preço que o pai pagou? Ele achou que sim, pois amava muito o seu filho. Deus esvaziou completamente a conta bancária do Céu quando enviou o Seu filho para morrer por nós, de modo que pudéssemos ser libertados dos nossos pecados e das nossas dependências. Valeu o preço? Ele pensou que sim, pois ama-nos muito!

A SUA RESPOSTA

Outra história que se reporta ao tráfico de escravos em curso durante o período anterior à Guerra Civil Norte-Americana diz respeito a um bondoso fazendeiro do Sul dos Estados Unidos que comprou um escravo possante e corpulento e o levou para a sua casa. No caminho para a plantação, o escravo insistia em murmurar: “Eu não vou trabalhar para ti. Eu não vou trabalhar para ti!” O seu dono nada disse, mas, quando chegou ao lar, ele entregou ao escravo o documento de libertação e

disse-lhe: “És livre de partir.” Quando o escravo percebeu que estava realmente livre, ele caiu aos pés do dono da plantação e disse-lhe: “Senhor, trabalharei para si o resto da minha vida!”

O mesmo se passa conosco e com Jesus. Quando percebermos que Ele verdadeiramente nos libertou dos nossos pecados e das nossas dependências, e quando compreendermos que, com a Sua ajuda, a vitória *pode* ser alcançada, quereremos obedecer à Sua Lei durante o resto da nossa vida. Eu encorajo-o a convidar Deus para que Ele entre na sua vida hoje. Seja qual for a tentação que o tem mantido na escravidão do pecado e da dependência, peça a Deus que lhe dê o poder de dizer “Não!”. Asseguro-lhe que Ele lhe dará esse poder! **ST**

Doug Batchelor, Pastor

Retirado da *Signs of the Times*
de dezembro de 2012.



A BÍBLIA ENSINA

AS SETE ÚLTIMAS PRAGAS E O ARMAGEDON

1. QUE ACONTECIMENTOS MARCARÃO O FIM DO PRESENTE MUNDO?

“E ouvi, vinda do templo, uma grande voz, que dizia aos sete anjos: Ide, e derramai sobre a terra as sete salvas da ira de Deus” (Apocalipse 16:1).

2. QUE PRAGA RESULTOU DA PRIMEIRA SALVA DERRAMADA SOBRE A TERRA?

“E foi o primeiro, e derramou a sua salva sobre a terra, e fez-se uma chaga má e maligna nos homens que tinham o sinal da besta e que adoravam a sua imagem” (Apocalipse 16:2).

3. QUAL FOI A SEGUNDA PRAGA DERRAMADA SOBRE A TERRA?

“E o segundo anjo derramou a sua salva no mar, que se tornou em sangue como o de um morto, e morreu no mar toda a alma vivente” (Apocalipse 16:3).

4. QUAIS FORAM OS EFEITOS DA TERCEIRA PRAGA?

“E o terceiro anjo derramou a sua taça nos rios e nas fontes das águas, e se tornaram em sangue” (Apocalipse 16:4).

5. EM QUE CONSISTIU A QUARTA PRAGA?

“E o quarto anjo derramou a sua taça sobre o sol, e foi-lhe permitido que abrasasse os homens com fogo” (Apocalipse 16:8).

6. QUE FORMA TOMOU A QUINTA PRAGA?

“E o quinto anjo derramou a sua taça sobre o trono da besta, e o seu reino se fez tenebroso; e eles mordiam as suas línguas de dor. E, por causa das suas dores, e por causa das

suas chagas, blasfemavam do Deus do céu; e não se arrependeram das suas obras” (Apocalipse 16:10 e 11).

7. DE QUE MODO A SEXTA PRAGA CONDUZ A TERRA PARA O ARMAGEDON?

“E o sexto anjo derramou a sua taça sobre o grande rio Eufrates; e a sua água secou-se, para que se preparasse o caminho dos reis do oriente. E da boca do dragão, e da boca da besta, e da boca do falso profeta, vi sair três espíritos imundos, semelhantes a rãs. Porque são espíritos de demónios, que fazem prodígios; os quais vão ao encontro dos reis de todo o mundo, para os congregar para a batalha, naquele grande dia do Deus Todo-Poderoso. [...] E os congregaram no lugar que em hebreu se chama Armagedon” (Apocalipse 16:12-14, 16).

8. COMO CULMINAM AS SETE PRAGAS LANÇADAS SOBRE A TERRA?

“E o sétimo anjo derramou a sua taça no ar, e saiu uma grande voz do templo do céu, do trono, dizendo: Está feito. E houve vozes, e trovões, e relâmpagos, e um grande terramoto, como nunca tinha havido desde que há homens sobre a Terra; tal foi este tão grande terramoto. E a grande cidade fendeu-se em três partes, e as cidades das nações caíram; e da grande Babilónia se lembrou Deus, para lhe dar o cálix do vinho da indignação da sua ira. E toda a ilha fugiu; e os montes não se acharam. E sobre os homens caiu do céu uma grande saraiva, pedras do peso de um talento; e os homens blasfemaram de Deus, por causa da praga da saraiva; porque a sua praga era mui grande” (Apocalipse 16:17-21).



– UMA QUESTÃO DE TEMPO

Os períodos de Daniel 12:11 e 12 (1290 dias e 1335 dias) devem ser compreendidos literal ou simbolicamente?

por ÁNGEL MANUEL RODRÍGUEZ

PERGUNTA



Os Adventistas do Sétimo Dia seguem o método historicista de interpretação profética, segundo o qual as profecias recebidas por Daniel abarcam o tempo que vai desde os dias do profeta até ao estabelecimento do reino de Deus. Segundo esta abordagem, o princípio dia/ano (Ezequiel 4:6) é usado para interpretar os períodos proféticos. A abordagem historicista afirma que esses períodos são anos e que eles foram cumpridos durante a Idade Média. Alguns Adventistas argumentam agora que o princípio dia/ano não se aplica a estas duas profecias e que estes períodos proféticos devem ser entendidos como sendo dias literais respeitantes a acontecimentos que se cumprirão antes do regresso de Jesus. Seguindo esta linha, eles são forçados a especular sobre que acontecimentos marcarão o termo destes períodos. Vamos examinar primeiro o contexto da passagem.

1. O contexto imediato e o tempo do fim. Nem tudo o que é descrito em Daniel 12:5-13 está relacionado com o tempo do fim. Por exemplo, o sela-

mento do livro e o aumento do conhecimento começam antes desse tempo (vv. 4, 9); é antes do tempo do fim que o ser celestial jura “por aquele que vive eternamente” (v. 7) e que ocorre a destruição do poder do povo santo (v. 7). O refinamento do povo de Deus ocorre ao longo de toda a História e não simplesmente no tempo do fim (v. 10). Portanto, é incorreto afirmar que, dado que o contexto imediato menciona o tempo do fim, os períodos proféticos pertencem a esse tempo.

2. Períodos proféticos em Daniel. Mesmo se reconhecêssemos que os períodos de tempo proféticos estão num contexto em que não há visões e em que a linguagem é predominantemente literal, isso não significaria que os referidos dias são literais. Em Daniel, os períodos proféticos nunca são dados sob uma forma visual. O profeta ouve-os ou recebe a indicação de um ser celestial. Em Daniel 7:25 os 3½ tempos são introduzidos, não durante a visão, mas durante a explicação que o anjo dá da visão. Em Daniel 8:14, os 2300 dias são dados no contexto de

uma revelação em que a linguagem é predominantemente literal. Finalmente, em Daniel 9 encontramos a profecia das 70 semanas dada a Daniel através de uma explicação oral. Em todos estes casos a linguagem utilizada na interpretação da visão é basicamente literal, mas os períodos proféticos não o são. Eles são introduzidos após a visão como informação adicional, mas o seu conteúdo simbólico não é plenamente explicado. Ora, isto é o que se passa exatamente em Daniel 12:11 e 12. Durante a comunicação oral são dados períodos proféticos sem uma interpretação detalhada. Daniel é incapaz de os compreender, mas é levado a crer que o povo de Deus será capaz de os compreender no futuro.

3. Ligação entre os períodos proféticos. Os 1290 dias são uma extensão dos 1260 dias mencionados em Daniel 7:25 e 12:7 como “tempo, tempos e metade de um tempo”. A diferença em

Daniel 12:11 é de 30 dias, sugerindo que foi acrescentado um mês adicional para prolongar o período (o que era uma prática comum nos calendários lunares). Porque o período dos 1290 dias é baseado nos 1260 dias e porque é reconhecido pelos intérpretes historicistas que os 1260 dias proféticos são anos literais, temos de concluir que o princípio dia/ano também se aplica aos 1290 dias. A referência aos 1260 dias em Daniel 7:25 enfatiza o tempo que o povo de Deus seria perseguido. Daniel 12:7 enfatiza o momento em que as atividades dos inimigos de Deus chegariam ao fim. Os 1290 dias em Daniel 12:11 enfatizam o momento em que o tempo profético começa. De modo a sincronizar o começo da profecia com um acontecimento específico, o período é alargado pela adição de mais um mês – em vez de 42 meses (1260 dias) temos agora 43 meses (1290 dias). Esta intercalação permite

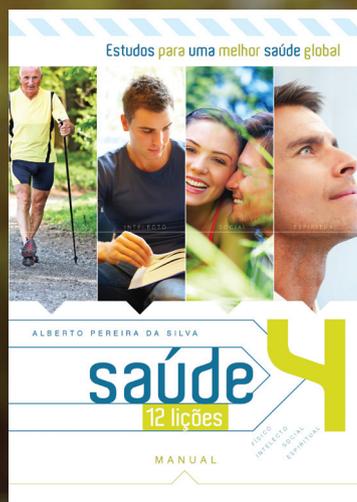
ao anjo intérprete ser mais preciso no que toca ao acontecimento que dá início ao período, bem como no que toca à sua total amplitude. O período profético de 1290 dias é depois aumentado pela junção de 45 dias extra, perfazendo o total de 1335 dias proféticos ou anos literais. Podemos concluir que estes dois períodos de tempo são extensões de um período profético bem conhecido (os 1260 dias/anos), pelo que devem também, como ele, ser interpretados simbolicamente. **ST**

Ángel Manuel Rodríguez

TEM ALGUMA DÚVIDA QUE GOSTARIA DE VER ESCLARECIDA?

Envie-nos as suas dúvidas e questões para:

Rua da Serra, 1 – Sabugo
2715-398 Almargem do Bispo
sinais@pservir.pt



Melhore a sua **saúde**
em todas as áreas!



www.ibed.pt
A qualquer hora. Em qualquer lugar.

Peça estes folhetos gratuitos.
Ligue 800 208 637 (Linha gratuita.)



por RODNEY WOODS

CASAMENTO E FAMÍLIA

Uma das formas mais antigas de relacionamento registadas na História é a aliança estabelecida entre dois grupos de pessoas. O documento de aliança tem um formato típico: indica o nome dos dois grupos, indica as testemunhas, estabelece certas estipulações e também expressa certas bênçãos, que se realizam, caso se cumpra a aliança, e certas maldições, que se concretizarão, caso esta seja violada.

Uma das formas mais antigas de aliança encontra-se no livro bíblico do Êxodo. Ele descreve a relação de aliança entre Deus e o povo hebreu. Os Dez Mandamentos eram uma parte importante desta aliança.

O casamento é uma aliança entre um homem e uma mulher, que inclui as promessas que eles fazem um ao outro, e é testemunhada por testemunhas que

assinam a certidão de casamento. Assim, pareceu-me, ao reler os Dez Mandamentos recentemente, que eles deviam conter *princípios* que podem ajudar um homem e uma mulher a cultivarem uma relação autêntica e significativa.

Vamos ver como estes mandamentos podem ajudar um casal recém-casado – aos membros do qual eu chamarei João e Joana – a viver “feliz para todo o sempre”.

1. NÃO TENHAS OUTROS DEUSES. O primeiro mandamento diz: “Não terás outros deuses diante de mim” (Êxodo 20:3). É imperativo que João faça de Joana a sua primeira prioridade e que Joana faça de João a sua preocupação dominante. É claro que cada um deles estabelecerá relações com outras pessoas. De facto, é importante que assim seja, pois nenhuma pessoa pode preen-

cher todas as necessidades da vida de alguém. No entanto, é imperativo que João e Joana coloquem as necessidades, os pensamentos e os sentimentos do outro em primeiro lugar.

2. NÃO FAÇAS IMAGEM ESCULPIDA. O segundo mandamento diz: “Não farás para ti imagem de escultura” (Êxodo 20:4). Os ídolos podem assumir diversas formas: dinheiro, carros, casas, mobília – em resumo, “coisas”. Agora que João e Joana se comprometeram um com o outro para toda a vida, têm de ter cuidado para não permitir que algo se torne mais importante do que esta relação. Seja o desporto, o trabalho ou mesmo os filhos, nada disto deve estar primeiro do que o seu casamento. De facto, o melhor que os pais podem fazer pelos seus filhos é dar-lhes um ambiente familiar seguro onde eles pos-

sam crescer, e isto deve estar baseado num casamento forte. Se João ou Joana começarem a sentir que outras coisas estão a tornar-se mais importantes na sua vida do que o outro, eles não devem reçar falar sobre isso entre si ou com a ajuda de um conselheiro matrimonial, se tal for necessário.

3. NÃO TOMES O NOME DE DEUS EM VÃO.

O terceiro mandamento diz: “Não tomarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão” (Êxodo 20:7). Uma pessoa que se apresenta como Cristã, mas age de forma totalmente contrária à fé cristã, toma o nome de Deus em vão. Do mesmo modo, se João e Joana professam o seu amor mútuo perante a Igreja, mas não agem movidos pelo amor depois disso, estão a desonrar-se mutuamente. Quer estejam juntos ou separados, as suas palavras e ações devem demonstrar perante todos que estão enamorados e que se amam mutuamente.

4. LEMBRA-TE DO SÁBADO. O quarto mandamento diz: “Lembra-te do dia do sá-

bado, para o santificar” (Êxodo 20:8). Este é um mandamento muito prático que lida com o tempo. E nunca foi mais relevante do que no nosso mundo ocupado e stressante de hoje, onde, frequentemente, tempo é dinheiro. Assim, o tempo pode ser o nosso bem mais precioso. Nos negócios da vida, nos altos e baixos, nas pressões e no stress que virá, João e Joana precisam de se certificar de que têm tempo um para o outro. Eles têm de estar determinados em encontrar esse tempo, pois ele não surgirá por si mesmo. Se, dia após dia, a sua relação é semelhante ao contacto de navios que passam um pelo outro durante a noite, chegará inevitavelmente um ponto em que a sua relação começará a desgastar-se. Eles têm de usar o tempo sabiamente, pondo de lado parte dele com o único fim de o passarem juntos.

5. HONRA OS TEUS PAIS. O quinto mandamento diz: “Honra a teu pai e tua mãe” (Êxodo 20:12). As crianças precisam de orientação por parte daqueles que são mais velhos e mais maduros, sendo por

isso que Deus lhes deu os seus pais. Os jovens são tão hábeis a manejar a tecnologia moderna que, por vezes, pensam que os mais velhos pouco sabem da vida. No entanto, nada pode substituir a experiência da vida, e este princípio também se aplica aos filhos quando eles se tornam adultos. Assim, João e Joana fariam bem em encontrar uma pessoa mais velha da sua confiança, com quem possam falar aberta e honestamente. É importante cuidar dos mais velhos, respeitá-los e aprender com eles. E ao assim procedermos, os nossos filhos também cuidarão de nós e respeitar-nos-ão quando crescerem.

6. NÃO MATARÁS. A maior parte dos casais não viola o mandamento que diz: “Não matarás” (Êxodo 20:13). No entanto, Jesus reinterpretoou este mandamento para mostrar que atitudes que ferem o outro podem ser tão destrutivas como puxar o gatilho de uma arma. Ele disse que “qualquer que, sem motivo, se encolerizar contra o seu irmão, será réu de juízo” (Mateus 5:22). Isto





Enquanto Deus, por um lado, quer ter um relacionamento com todos os seres humanos e oferece o Seu amor livremente a todos, por outro lado, Ele também quer ter um relacionamento muito pessoal consigo que seja tão íntimo como o relacionamento existente entre um esposo e uma esposa.

não significa que João e Joana nunca sentirão cólera no decurso do seu casamento, mas têm de ter cuidado com as palavras que usam para a expressar. Devem evitar o sarcasmo e o desprezo. E devem sempre lembrar-se de que as palavras ditas não podem ser retiradas.

7. NÃO COMETERÁS ADULTÉRIO. Um mandamento que é muito mais frequentemente violado é o que diz: “Não adulterarás” (Êxodo 20:14). No entanto, há muitas outras formas de se cometer adultério, para além de João tomar outra mulher ou Joana tomar outro homem. É mais provável que eles cometam adultério com (1) os seus recursos – gastando dinheiro e tempo de modo egoísta, em vez de o fazerem em conjunto e em cooperação; (2) com os seus sentimentos – partilhando pensamentos e sentimentos íntimos, preocupações e sofrimentos com alguém do sexo oposto que não o seu cônjuge; e (3) pornografia – empregando tempo a visionar concupiscentemente imagens sexuais na Internet ou noutros meios de comunicação (veja Mateus 5:27 e

28). Todas estas coisas podem matar uma relação tão seguramente como o ato físico do adultério sexual.

8. NÃO FURTARÁS. No casamento, o que pertence a um pertence ao outro, pelo que será fácil pensarmos que o mandamento “Não furtarás” (Êxodo 20:15) não se aplica aqui. No entanto, trata-se de uma questão de respeito. João e Joana precisam de se certificar de que respeitam as coisas do outro, as opiniões do outro, bem como o espaço e o tempo do outro. Lembre-se de que, embora os dois se tenham tornado um só, eles continuam a ser dois, pelo que têm que se respeitar mutuamente.

9. SERÁS HONESTO. O nono mandamento diz: “Não dirás falso testemunho” (Êxodo 20:16), o que, posto de forma positiva, significa: “Dirás sempre a verdade.” Um dos fundamentos de um casamento forte é a confiança, pois mesmo a mais ténue desconfiança começará imediatamente a desgastar o amor. E a confiança baseia-se na certeza de que marido e mulher têm de que aquilo que o ou-

tro diz é sempre verdade. Se algum deles tiver a mais ténue suspeita de que o seu cônjuge está a enganá-lo, a confiança será desgastada e também o amor o será. A confiança que João e Joana têm na honestidade do outro é um dos “bens” mais preciosos que podem possuir enquanto casal, pelo que deviam conservá-lo com todo o cuidado.

10. NÃO COBIÇARÁS. O décimo mandamento, “Não cobiçarás” (Êxodo 20:17), é talvez o mais importante, pois tem a ver com o modo como pensamos. Isto é muito importante porque as nossas ações e os nossos sentimentos procedem do nosso pensamento. O modo como João e Joana pensam acerca de si, dos outros, do mundo físico que os rodeia, da sua espiritualidade, da sua filosofia de vida, será, por fim, manifestado naquilo que dizem, fazem e sentem.

À medida que João e Joana perceberem o nível de intimidade entre duas pessoas que o casamento pode trazer, é provável que percebam cada vez melhor o tipo de relação que Deus quer ter com eles. Enquanto Deus, por um lado, quer ter um relacionamento com todos os seres humanos e oferece o Seu amor livremente a todos, por outro lado, Ele também quer ter um relacionamento muito pessoal consigo que seja tão íntimo como o relacionamento existente entre um esposo e uma esposa. **ST**

Rodney Woods, Psicólogo

Retirado da *Signs of the Times*
de agosto de 2009.

NÃO HÁ OVELHAS EM BABILÓNIA!

por DAVID DOWN

A cidade dourada de Babilónia tem um encanto especial para mim. Deixe-me explicar. Os meus pais, embora fossem cidadãos bons e honestos, nunca frequentaram uma Igreja, pelo que, durante a minha infância, nunca tive qualquer conhecimento sobre a Bíblia. A primeira vez que tomei conhecimento sobre o que dizia a Bíblia foi durante uma palestra a que assisti num auditório em Melbourne, na Austrália, quando tinha 21 anos. Foi uma experiência memorável, pois a palestra versava sobre o sonho de um rei babilónio chamado Nabucodonosor, no qual este tinha visto uma grande estátua com a cabeça de ouro. Pode ler sobre isto no segundo capítulo do livro bíblico de Daniel.

A palestra descreveu o modo como o profeta judeu Daniel, que era conselheiro real em Babilónia, interpretou o sonho de Nabucodonosor. Ele disse ao rei que a cabeça de ouro representava o seu reino. Eu fiquei espantado ao saber que a Bíblia predizia a ascensão e queda de vários reinos, alguns dos quais ainda não existiam à data do sonho de Nabucodonosor. Um destes reinos foi o império de Roma, que se tornou no império dominante no Mediterrâneo durante séculos.

Eu nunca tinha ouvido falar sobre a cidade de Babilónia e pensei que o palestrante estaria, talvez, a ultrapassar os limites da verdade. Intrigado, fui à Biblioteca pública da minha cidade no dia seguinte e fiz alguma pesquisa. Descobri que Babilónia tinha sido, de facto, uma cidade fabulosamente rica e poderosa.

Assim, naquele mesmo momento, decidi que um dia visitaria o local de Babilónia.

VIAGENS NO MÉDIO ORIENTE

Para cumprir o *meu* sonho, eu comprei um carro e, suportando sempre o calor sufocante do deserto do Médio Oriente, viajei com a minha família por todas as terras referidas na Bíblia. A minha mulher, os meus quatro filhos e eu começámos na Índia e, durante sete meses, viajámos através do Paquistão, Afeganistão, Irão, Iraque, Jordânia e Israel.

Quando partimos era minha intenção ver tudo o que havia para ver, de modo que não tivesse de voltar aos mesmos países. Mas antes desta viagem ter terminado, eu já tinha planeado a minha viagem seguinte. Ao longo dos anos, eu visitei aquela região do Planeta cerca de 25 vezes!

Ao chegar ao Iraque durante aquela primeira viagem, nós dirigimo-nos imediatamente para as ruínas de Babilónia, que ficam junto ao rio Eufrates, 100 quilómetros a sul de Bagdade. A experiência foi fantástica! Eis-me perante esta grande cidade da Antiguidade que se tinha apoderado da minha imaginação e alterado o curso da minha vida, tendo, de facto, acabado por a dominar. Eu procurei todos os vestígios que davam fundamento ao registo bíblico, que entretanto tinha aprendido a amar e a aceitar como verdadeiro.

Babilónia estava defendida por muralhas maciças que rodeavam toda a cidade por mais de 10 quilómetros. Os armazéns da cidade armazenavam comida suficiente para sustentar a sua população em caso de ataque inimigo. Como Hitler, Napoleão, e tantos outros líderes históricos, Nabucodonosor planeou uma cidade que nunca seria conquistada e estabeleceu uma dinastia que nunca terminaria. Infelizmente, a profecia bíblica, apresentada no seu sonho sobre a grande estátua, revelava um futuro bastante diferente. Daniel disse a Nabucodonosor: “Tu, ó rei, és rei de reis: pois o Deus do céu te tem dado o reino, o poder e

PROFECIAS CUMPRIDAS! A Bíblia tem muito a dizer acerca de várias cidades e civilizações, sob a forma de profecias bastante específicas. E tudo isso se cumpriu. Veja os seguintes exemplos:

EGITO

NUNCA MAIS O EGITO DOMINARÁ AS NAÇÕES (EZEQUIEL 29:15). Durante mais de 1000 anos, o Egito foi a nação mais avançada do Médio Oriente, dominando as nações. Hoje, a pobreza desta nação é desoladora. O Egito é um país do terceiro mundo e nem sequer tem grande domínio sobre a política do Médio Oriente.

Já nem sequer há um príncipe egípcio no trono da nação. Desde que Alexandre Magno ocupou o Egito, nunca mais

houve um soberano nativo a governar o Egito, sendo que hoje o país é governado por um Parlamento. Nectanebo II (360-343 a.C.), da 30ª dinastia, foi o último rei egípcio nativo a governar a nação. **NOF SERIA DESOLADA (JEREMIAS 46:19).** Nof (Memphis) foi a capital do antigo Egito durante a maior parte da história da nação, mas Alexandria substituiu-a a partir do período grego e Memphis acabou por ficar arruinada.



a força e a majestade. ... Mas depois de ti se levantará outro reino, inferior ao teu; e um terceiro reino, de metal, o qual terá domínio sobre toda a terra” (Daniel 2:37, 39).

Esta profecia teve um cumprimento célere. Menos de 70 anos depois de Daniel ter interpretado o sonho de Nabucodonosor, um rei da Pérsia chamado Ciro conquistou Babilónia e estabeleceu o império Medo-Persa. Séculos depois surgiu Alexandre Magno, o jovem conquistador grego, cujo império tinha sido representado pela barriga de bronze da estátua. E depois a Grécia-Macedónia foi substituída por Roma, que dominou o mundo mediterrâneo pelo menos durante 500 anos.

NÍNIVE

A CIDADE SERÁ COMPLETAMENTE DESTRUÍDA (NAUM 1:14). Nínive era a capital política do grande império Assírio. Em 612 a.C., os Babilónios e os Medos conquistaram Nínive e destruíram-na pelo fogo. Nunca foi reconstruída. Pó e areia soprados pelo vento do deserto acabaram por a soterrar. Foi perdida e esquecida, até que foi redescoberta e escavada por Lord Henry Layard, em 1848.

Mas voltemos a Babilónia. O profeta Jeremias levou a profecia de Daniel mais além. Ele tinha dito que “Babilónia será reduzida a um montão de ruínas, a covil de chacais, será objeto de horror e de escárnio, sem habitantes” (Jeremias 51:37, DB).

Muitas cidades menos grandiosas têm sido destruídas, mas reerguem-se das cinzas para uma nova existência. Jerusalém, Damasco, Tiro e outras cidades ainda existem hoje. Era incrível que esta grande cidade se tornasse num mero montão de pó, num lar para os animais do deserto, sem habitantes humanos. Mas foi precisamente isso que aconteceu!

Depois de ter completado as suas conquistas, Alexandre propôs-se fazer de Babilónia a sua capital, mas morreu prematuramente, e o seu sucessor, Selêuco, abandonou Babilónia e construiu uma nova cidade chamada Selêucida perto da atual Bagdade. Ele saqueou milhões de tijolos de Babilónia, de modo a construir esta nova cidade. Com o correr do tempo, o rio Eufrates, que fluía através do meio de Babilónia, mudou o seu curso, deixando Babilónia totalmente abandonada.

Eu cheguei a Babilónia com um sentimento de admiração. Havia poucos sinais de vida – apenas alguns turistas e



BABILÓNIA

DEUS ABRIRIA OS PORTÕES DA CIDADE (ISAÍAS 45:1). Babilónia estava rodeada por uma muralha dupla, mas o rio Eufrates corria pelo meio da cidade. O rei Ciro desviou as águas do rio e fez entrar o seu exército na cidade pelo seu leito. Os guardas babilónios tinham-se esquecido de fechar os portões do leito do rio, permitindo assim que o exército dos Medos e dos Persas entrasse na cidade e a conquistasse.

A cidade seria destruída e deixada ao abandono (Isaías 13:19 e 20).

O rei Nabucodonosor aspirava fazer de Babilónia uma cidade que durasse para sempre, mas Babilónia foi conquistada pelos Medos e pelos Persas. Pouco depois da morte de Alexandre Magno, ela foi abandonada. Hoje, é um monte de ruínas. Nem sequer a erva cresce ali, pelo que não há pastores a pastorearem os seus rebanhos. Em 1982 Saddam Hussein concebeu um projeto grandioso para reconstruir a cidade de Babilónia, mas acabou por perder o poder e o seu projeto foi abandonado.

Os profetas de Deus sabiam sobre o que estavam a escrever e, ignorando o ridículo, eles predisseram um futuro de vastos contrastes, confiantes na Palavra segura de Deus, sabendo que tudo o que Ele tinha dito se realizaria.

um par de guias árabes locais, um dos quais eu contratei para me mostrar o local. Ele disse-me que tinha trabalhado com o Professor Koldewey, da Alemanha, que tinha escavado Babilónia durante 18 anos, de 1899 até 1917. Ele mostrou-me as ruínas do palácio de Nabucodonosor. Tinha sido a partir do terraço superior desse palácio que o rei tinha olhado para a sua cidade e, arrogantemente, declarado: “Não é esta a grande Babilónia que eu edifiquei para a casa real, com a força do meu poder e para glória da minha magnificência?” (Daniel 4:30.)

Na nossa volta por Babilónia vimos as ruínas do salão de banquetes de Belshazar, onde este último rei de Babilónia mandou trazer “os vasos de ouro, que foram tirados do templo da casa de Deus que estava em Jerusalém, e beberam por eles o rei, os seus grandes, as suas mulheres e concubinas” (Daniel 5:3). Foi aí, no meio da orgia, que uma mão fantasmagórica, escrevendo na parede, o condenou, proclamando a queda imediata de Babilónia. E, de facto, a cidade caiu nas mãos do exército Medo-Persa nessa mesma noite!

Nessa noite a minha família e eu instalámo-nos para gozar da solidão desta antiga cidade e para refletir na sua destruição. Mal tínhamos acabado de nos preparar para dormir quando se ouviu um som semelhante a um coro de

bebés a chorar. Eu levantei-me logo da cama e reconheci imediatamente o que aquele som significava. Em diversas ocasiões eu tinha ouvido alcateias de chacais a uivar. Eles não ladram como os cães. Em vez disso, parecem chorar como bebés, e era isso o que eu estava a ouvir. Imediatamente, lembrei-me da predição de Jeremias de que “Babilónia será reduzida a um montão de ruínas, *a covil de chacais*, será objeto de horror e de escárnio, sem habitantes” (Jeremias 51:37, DB). Não admira que ninguém quisesse viver com aquela cacofonia todas as noites! Era impossível dormir.

TIRO

AS MURALHAS DE TIRO SERIAM DERRUBADAS, O SEU PÓ SERIA VARRIDO, ELA SERIA TRANSFORMADA NUM ROCHEDO NU E TORNAR-SE-IA NUM LUGAR ONDE SE ESTENDEM AS REDES (EZEQUIEL 26:4 E 5).

Tiro era simultaneamente uma cidade no continente e uma cidade numa ilha próxima da costa. Os inimigos podiam conquistar a cidade no continente, mas dado que os Fenícios eram os senhores do Mediterrâneo, nenhuma nação tinha sido bem-sucedida em conquistar a cidade insular. No entanto, Alexandre Magno fez com que os seus soldados demolissem a cidade no continente e lançassem o seu entulho no mar, de modo a

PORQUE NÃO HÁ OVELHAS EM BABILÓNIA

Eu vi muitas coisas durante aquela primeira visita e tenho visto muitas coisas mais nas outras visitas que realizei deste então. Mas, ao contrário de todos os outros lugares que visitei no Médio Oriente, incluindo as suas regiões mais desoladas, nunca vi ovelhas, cabras ou pastores em Babilónia. O solo da cidade parece ter desenvolvido uma crosta salgada e, com exceção de algumas palmeiras fibrosas e alguns espinheiros desagradáveis, absolutamente nada cresce ali; nem sequer a erva. Não há pastores, não há ovelhas. Isto fora predito pelo profeta Isaías, que

construir uma passagem até à ilha.

Mas mesmo isso não foi o suficiente, pelo que ele teve de dar ordens no sentido de se usar o pó do solo para se completar a passagem. Depois ele derrotou a cidade insular e vendeu a maior parte dos seus habitantes como escravos. No entanto, ao contrário de Babilónia e Hazor, hoje Tiro é uma cidade florescente. Tem uma produtiva indústria pesqueira. Os pescadores saem para o mar de manhã, regressam com o peixe que apanharam ao entardecer e estendem as suas redes para secarem nos rochedos nus. A cidade no continente nunca foi reconstruída.

JERUSALÉM

JERUSALÉM DEVERIA TORNAR-SE NUM MONTE DE RUÍNAS (MIQUEIAS 3:12). O profeta Miqueias viveu no oitavo século a.C., quando Jerusalém era uma cidade poderosa adornada com o magnífico templo de Salomão. Mas Jerusalém foi reduzida a ruínas duas vezes. Uma vez em 586 a.C., quando foi destruída por Babilónia, e uma segunda vez em 70 d.C., quando foi destruída por Roma. Mas Miqueias não disse que ela permaneceria para sempre em ruínas. Na verdade, hoje ela é, de novo, uma cidade importante.

disse: “E Babilónia, o ornamento dos reinos, a glória e a soberba dos caldeus, será como Sodoma e Gomorra, quando Deus as transtornou. Nunca mais será habitada, nem reedificada, de geração em geração: nem o árabe armará ali a sua tenda, nem tão-pouco os pastores ali farão deitar os seus rebanhos” (Isaías 13:19 e 20).

Isto contrasta com a grande cidade assíria de Nínive, não muito distante, sobre a qual outro profeta, Sofonias, escreveu:

“Estenderá, também, a sua mão contra o norte, e destruirá a Assíria; e fará de Nínive uma assolação, terra seca como o deserto. E no meio dela repousarão os rebanhos, todos os animais dos povos” (Sofonias 2:13 e 14). Seca como o deserto, mas onde repousarão rebanhos? Isto não me parecia fazer sentido, pelo que foi com grande interesse que eu, mais tarde, me dirigi às ruínas da antiga Nínive. Eu tinha a esperança de ser capaz de ver um pequeno rebanho de ovelhas ou de cabras para o fotografar. Mas não precisava de me preocupar de que talvez não existisse ali nenhum rebanho.

SAMARIA

SAMARIA SERIA UM LUGAR DE VINHEDOS (MIQUEIAS 1:6). Durante mais de 200 anos, Samaria foi a capital das dez tribos de Israel que constituíam o Reino do Norte. Hoje, há uma aldeia chamada Samaria no sopé da colina, mas no topo da colina, onde existia originalmente a antiga cidade, há apenas ruínas. Além disso, realmente existem vinhedos no topo da colina.

EDOM

DEVERIA VIR UMA CALAMIDADE SOBRE ESAÚ E NINGUÉM SERIA DEIXADO EM EDMOM, ONDE VIAM OS SEUS DESCENDENTES (JEREMIAS 49:10; OBADIAS 1:3-9). Os descendentes de Esaú, os Edomitas, ocuparam Petra. No período romano, Petra era uma cidade rica, mas quando os Cruzados deixaram a Palestina, no século XIII, ela tornou-se desabitada e ficou “perdida” até 1812, quando foi descoberta pelo viajante suíço Johann Ludwig Burckhardt.



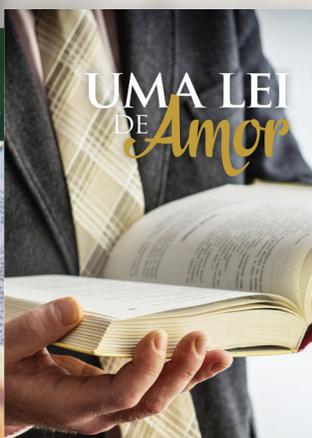
Nínive tinha sido soterrada sob a areia durante milénios e agora está reduzida a pequenas colinas cobertas de erva. Havia rebanhos de ovelhas e pastores por toda a parte. Mas não em Babilónia!

Os profetas de Deus sabiam sobre o que estavam a escrever e, ignorando o ridículo, eles predisseram um futuro de vastos contrastes, confiantes na Palavra segura de Deus, sabendo que tudo o que Ele tinha dito se realizaria. **ST**

David Down, Teólogo

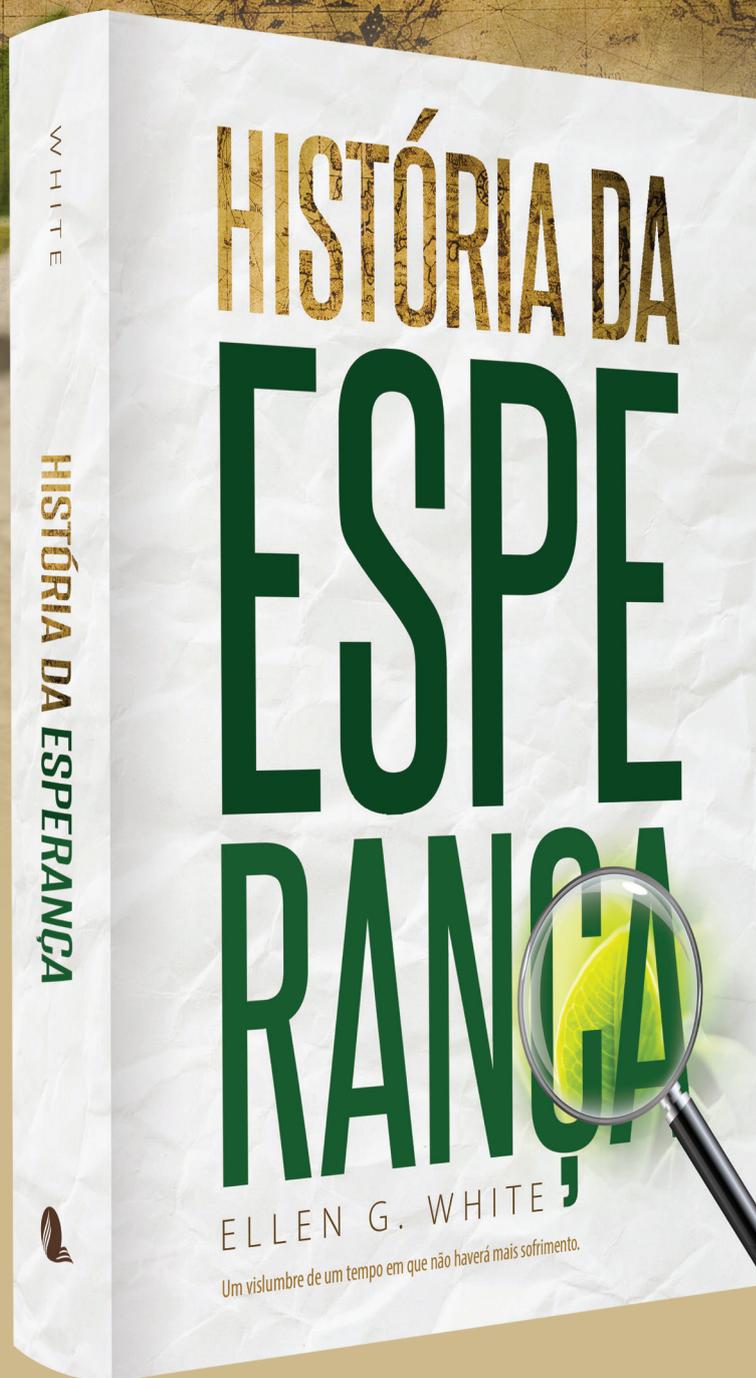
Retirado da *Signs of the Times* de maio de 2011.

Quer saber
mais sobre
o amor de
Deus por si?



UM VISLUMBRE
DE UM TEMPO
EM QUE NÃO
HAVERÁ MAIS
SOFRIMENTO.

ORIGINAL "HISTÓRIA
DA REDENÇÃO",
DA AUTORA
NORTE-AMERICANA
ELLEN G. WHITE



PEÇA GRATUITAMENTE 800 208 637

(CHAMADA GRATUITA.)